

# Escola de Belas-Artes: existência e essência

Qualquer formação para a docência, antes de ser do domínio das ciências da educação, é sobretudo, em particular neste caso, do domínio das áreas científicas e criativas específicas; e é nessa experiência e nesse saber que o professor aprende o acto de aprender e dar a aprender

## Rocha de Sousa\*

A Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, durante alguns dias de Fevereiro, reabriu-se publicamente à questionação, ao espectáculo, ao debate - e vários órgãos da comunicação social acabaram por fazer, mesmo nos temas mais sérios, o que já é vulgar entre nós, uma absorção de superfície, misturando os dados da aparência e da sensação, procurando «seduzir» leitores não para a leitura dos acontecimentos, menos ainda para a sua análise profunda, mas tão-só para a compra da notícia cintilante. E, contudo, teria sido esta uma boa ocasião - como outras, em particular desde 1974 - para se desenvolver um trabalho de abordagem e esclarecimento das estruturas científico-pedagógicas das escolas de Arte. Trata-se de uma problemática mal conhecida do grande público, quase sempre perspectivada com abusiva negligência ou diluída nas banalidades provincianas dos vendedores de sucesso, e que a própria autoridade institucional tem preferido ao nível das suas diversas vertentes, no contexto de um país confrontado com a urgência de reformulações várias, qualquer que seja o modelo de desenvolvimento escolhido. É tanto mais grave esta «oportunidade perdida» quanto é certo ter sido encontrada recentemente uma importante plataforma de trabalho entre o Governo, as escolas superiores de Belas-Artes e as universidades, visando a dignificação técnica, científica, profissional e cultural da formação mais avançada em domínios como as artes plásticas e o design no seu desdobramento actual, pela investigação e pelos projectos de múltipla aplicação à vida da comunidade.

## Uma reflexão exemplar

Eduardo Prado Coelho, ao escrever sobre a Faculdade de Letras

\* Professor da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa.

no EXPRESSO/revista de 14.2.87 («A invasão dos pedagogos»), produziu uma notabilíssima reflexão que se poderia adaptar, quase ponto por ponto, à situação do ensino superior artístico, ao seu papel, à sua função social, ao trabalho que deverá realizar numa comunidade onde o pragmatismo de feição tecnocrática parece encarar o futuro, em certos campos, sob a perspectiva das metamorfoses massificantes.

De facto, também nas escolas superiores de Belas-Artes se determinam, fundamentalmente, «três ordens de conhecimentos», sendo que a primeira respeita às áreas nucleares, incluindo o Desenho, as Artes Plásticas e o Design, onde se processa «a aquisição de certos códigos e linguagens», num leque cuja abertura passa pela Pintura ou pela Escultura, pela Fotografia ou pelo Audio-Visual. Na segunda ordem de conhecimentos, e em singular paralelismo com a análise de Eduardo Prado Coelho, há «um espaço do saber que tem a ver com determinadas estratégias cognitivas para a apreensão, conjuntural e conjotural, do humano: Antropologia, Semiótica, Psicologia, Sociologia» - e ainda, num plano técnico, as extensões da Ergonomia ou da Antropometria. Em terceiro lugar, abre-se «um tipo de conhecimento que pertence indiscutivelmente ao espaço de produção de sentido e do simbólico inerente ao equilíbrio de uma sociedade e à imagem do destino daqueles que nela vivem» - e pelo qual a ciência histórica e os estudos estáticos se vêm entrosados na prática dos modos de formar ao nível das linguagens.

## A utilidade do inútil

Também nas escolas superiores de Belas-Artes é menos consistente «a aquisição de técnicas linguísticas», feita a necessária colagem de sentido ao texto atrás referido, e também aqui se ensinam «ciências moles» e coisas inúteis, na medida em que, sob o império do impropriamente chamado «ciclão comum», o conhecimento ad-

quirido «não se traduz em matérias aplicáveis que produzam objectos concretos: nem pontes, nem carros, nem televisores, nem telefones, nem tanques de guerra, nem drogas contra a insónia. Isto é, nada daquilo que faz parte das condições de felicidade da vida dos homens». E, se é certo que o design pode reafirmar o desenvolvimento harmonioso de certos contextos e objectos, e que o operador plástico está vacacionado para recriar o ambiente e refazer e conservar, em plena questionação, um património cultural múltiplo, a verdade é que nada disso se aplica, quando tem perspectiva, ao crescimento autofágico de muitos consumismos.

Quando se pretende justificar o que se ensina nas escolas de arte, «temos de ter como sublinha Eduardo Prado Coelho para Letras - muito claros e precisos: ensinar-se o mais difícil de ensinar, que é precisamente a importância do inútil. No domínio da criatividade artística, e apesar de que a esse nível se aproxima da própria absorção corrente, não é em função de matérias que damos uma «razoável margem de aplicabilidade» que se devem estabelecer as estratégias valorativas ou explicativas. É preciso assumir então, «sem complexos», que as Escolas Superiores de Arte ensinam «coisas inúteis», mas, acima de tudo, «a lenta aprendizagem que cada pessoa deve ir fazendo de que o útil sem o inútil é ainda mais inútil». «É precisamente por isso que o ensino das (Artes) é algo de muito frágil e delicado, na medida em que tem de passar por aquilo que em cada um de nós é o mais íntimo de nós próprios, essa zona primordial e balbuciente em que se decide que faz sentido tornarmos-nos aquilo que somos.

Será oportuno perguntar, como em geral se faz neste espaço de argumentação, se isto que se ensina nas escolas de arte «serve para formar professores que vão ensinar isto». De facto, as artes plásticas, enquanto área do pensar e do ser, não existem apenas para serem ensinadas e garantidas

tout court, saídas profissionais. Não se trata tão-só de ensinar, como escreve Eduardo Prado Coelho, «mas de transmitir, comunicar, partilhar. O que exige um ensino que seja uma relação efectiva de sujeito a sujeito, e uma implicação do sujeito naquilo que transmite».

## A fabricação de professores

Eis-nos confrontados com a questão de pedagogia. No caso das escolas superiores de belas-artes, e apesar de estar demonstrado que quanto mais profunda e partilhada for a aprendizagem nos seus espaços criativos mais real se torna a capacidade de transmitir a respectiva experiência, insiste-se na formação de professores à margem dos cursos, a despeito deles ou precariamente dentro deles. Eduardo Prado Coelho, sobre este assunto, cita muito a propósito Jean-Claude Milner. E conclui: «Não nego a importância da aprendizagem de técnicas de ensino. Tenho apenas que uma maquiagem pedagógica do ensino das Letras acaba por deixar no ar a ideia de que tudo consiste em técnicas pedagógicas, de que assim se resolvem todos os problemas de transmissão. Fico então que se repouse demasiado nelas, e que se esqueça que o método é o que precisamente resiste às normas gerais de transmissibilidade, e que o essen-

cial do que se ensina é o ensino dessa resistência (que é, ao mesmo tempo, o ensino do que em cada um de nós é único, idiomático, irreductível, corporal, inconsciente)».

Esta perspectiva é da maior pertinência quanto à problemática do ensino artístico. Também entendo, pela minha parte, que é discutível, para artes plásticas e design, a criação futura de um ramo científico e de um ramo educacional. Retomando Jean-Claude Milner, poderia dizer que «há pessoas que afirmam que a criança numa teoria geral de transmissão e o interesse exclusivo pelas técnicas pedagógicas são o meio mais seguro para impedir qualquer transmissão efectiva».

Dividir os cursos segundo dois índices de formação - a que prepara para a actividade artística e a que prepara para a actividade docente - provocará, a breve trecho, a desertificação da primeira escola possível e tenderá a reduzir a perspectiva científica das áreas nucleares (da essência) ao objectivo diverso (sempre precário) da exclusiva profissionalização do campo da docência. Eduardo Prado Coelho é claro neste ponto: «De um ponto de vista cultural e científico, uma tal perspectiva é, a médio prazo, um crime». Transcrevo, a este respeito e com aplicação ao domínio das artes plásticas, o seguinte período do artigo até aqui retomado: na óptica dos seus princí-

pais argumentos: «O ensino das Letras tem por função criar pessoas cultas, informadas e sensíveis, que aprendam a aprender, e que, por isso mesmo, estejam em condições de se tornarem múltiplas coisas, entre elas, professores. Mas o ensino das Letras não pode, sob pena de se autonegar na sua vocação essencial, pensar apenas na formação de professores. Quando se crê que o essencial é formar professores, é muito provável que se formem maus professores. Quando se pensa que o essencial não é formar professores, é muito possível que se formem bons professores.»

Por último, gostaria de acentuar que uma escola de arte, hoje, tem de ser sobretudo um espaço de «circulação de linguagens e sensibilidades que definem o mundo contemporâneo». As artes plásticas já não são concebíveis em plena margem, mas numa relação técnica e cultural com outras dinâmicas, sobretudo com o cinema, a fotografia, a televisão, o vídeo, os vários tipos de design, funcionando, tanto quanto possível, em termos interdisciplinares e de comunicação. Qualquer formação para a docência, antes de ser do domínio das ciências, da educação, é sobretudo, em particular neste caso, do domínio de áreas científicas e criativas específicas; e é nessa experiência e nesse saber que o professor aprende o acto de aprender e dar a aprender.

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

Ensino Artístico - Esq. Sup. de Belas-Artes